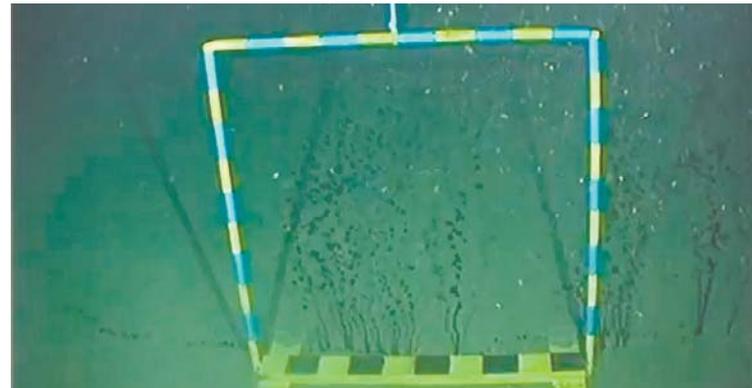


Oceanógrafo da Universidade atua como perito para a Polícia Federal

Convidado pela Delegacia de Meio Ambiente e Patrimônio Histórico da Polícia Federal, no inquérito para investigar os danos causados pelo vazamento de petróleo no campo de Frade (bacia de Campos), o professor da Faculdade de Oceanografia da UERJ, David Zee, redigiu o laudo técnico que analisou as causas do acidente no litoral do estado do Rio de Janeiro.

> Página 6



Unidade móvel no *campus* da UERJ ajuda a monitorar a qualidade do ar



Parceria entre a Prefeitura da Cidade e a Petrobras, o Programa MonitorAr-Rio mantém unidade móvel no *campus* Maracanã destinada a estudos especiais. O trabalho de obtenção de dados colabora para investigações de professores e alunos de graduação e de pós-graduação que pesquisam o tema.

> Página 16

Laboratório de idiomas

O Programa Línguas para a Comunidade (Licom), desenvolvido pelo Instituto de Letras e vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura desenvolve atualmente quatro projetos. A seleção dos alunos é por sorteio e para se inscrever é necessário ter ensino médio completo ou estar cursando o terceiro ano.

> Páginas 12 e 13

Estudo sobre erosão costeira

Ventos, ondas, marés e a deriva litorânea estão entre os agentes naturais que contribuem para o desaparecimento de boa parte da vila de Atafona, que fica na foz do rio Paraíba do Sul, no distrito de São João da Barra. O processo de erosão está sendo pesquisado desde 2004 por equipe da Engenharia Cartográfica.

> Página 4

25 anos de IC Júnior

O Programa de Iniciação Científica Júnior (ICJr), do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ), comemorou seu jubileu de prata em cerimônia realizada no dia 8 de dezembro.

> Página 2

Presidência da SBCP

Professor da Faculdade de Ciências Médicas, o cirurgião José Horácio Aboudib, foi eleito presidente nacional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) para o biênio 2012-2013.

> Página 5



Novos diretores de unidades

Conheça os diretores e vice-diretores das unidades acadêmicas e os diretores do Hospital Universitário, da Rede Sirius e do Cepuerj eleitos para o quadriênio 2012-2015.

> Páginas 8 e 9

> EDITORIAL

Representatividade e reconhecimento

Esta última edição de 2011 do *UERJ em Questão* apresenta alguns resultados de trabalhos desenvolvidos pela Universidade e o seu reconhecimento pela sociedade. Um dos reconhecimentos da importância e da representatividade institucional foi a eleição em setembro do professor da Faculdade de Ciências Médicas, José Horácio Aboudib, para a presidência nacional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, a segunda maior associação de cirurgiões plásticos do mundo, que hoje reúne cinco mil integrantes. Em novembro, a relevância dos estudos desenvolvidos pela UERJ na área ambiental foi reconhecida pela Delegacia de Meio Ambiente e Patrimônio Histórico da Polícia Federal, que convidou o professor David Zee, da Faculdade de Oceanografia, para ser o perito encarregado de elaborar o laudo técnico avaliando os danos causados pelo vazamento de petróleo no campo de Frade, na bacia de Campos.

Outra reportagem aborda a participação da UERJ no Programa Ciência sem Fronteiras, lançado este ano pelo governo federal: 36 alunos foram selecionados na Universidade e agora estão à espera da aprovação final do CNPq. Financiado por bolsas da Capes e do CNPq, o Programa pretende conceder, até o final de 2014, 75 mil bolsas de intercâmbio no exterior para alunos de graduação. A participação da Universidade no Programa Global dos Embaixadores de Telessaúde (*Global eHealth Ambassadors Program*) é tema da notícia que traz informações sobre o Programa, cujo objetivo é fortalecer projetos e ações colaborativas mundiais voltados para a promoção da saúde, a prevenção de doenças e maior rapidez no processo de diagnóstico e tratamento por meio de redes mundiais de atenção à saúde. No lançamento do Programa no Rio de Janeiro, o Reitor Ricardo Vieiralves, o Vice-reitor eleito Paulo Roberto Volpato e a coordenadora do Telessaúde UERJ, professora Alexandra Monteiro, participaram da cerimônia que contou com a presença do embaixador coordenador do Programa, o arcebispo sul-africano Desmond Tutu.

Esta edição detalha também o projeto desenvolvido desde 2004 por pesquisador da Universidade na cidade de Atafona, localizada no norte fluminense, que está sendo destruída pela erosão costeira. O avanço do mar já provocou várias consequências para os seus moradores, entre as quais a perda de patrimônio em parte do seu território. Os leitores vão conhecer ainda quem são os diretores das unidades acadêmicas e administrativas eleitos para o quadriênio 2012-2015, apresentados com uma breve referência que mostra um pouco da trajetória acadêmica de cada um. O *UERJ em Questão* registra os dois anos do Programa de Línguas para a Comunidade, que desde 2009 organiza cursos e oficinas de idiomas estrangeiros e de português, uma forma de ampliar o espaço da prática docente para os graduandos do Instituto de Letras e também contribuir para a inserção internacional da Universidade. Finalmente, preparamos para esta edição uma página com imagens de alguns dos principais eventos de 2011 na Universidade. Desejamos a todos uma boa leitura e um ótimo começo de 2012.

Programa de Iniciação Científica Júnior completa 25 anos, comemorados em cerimônia no *campus* Maracanã

Hoje com 40 bolsistas financiados pela UERJ e por meio de convênios com instituições como a Fundação Oswaldo Cruz, o Centro de Pesquisa da Petrobras, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e a Fundação Getúlio Vargas, o Programa de Iniciação Científica Júnior (IC Júnior), do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ), comemorou seu jubileu de prata em cerimônia realizada no dia 8 de dezembro na capela ecumênica do *campus* Maracanã. Para o diretor do Instituto de Aplicação, professor Miguel Tavares, o dado mais importante desse período foi a valorização institucional das atividades de Iniciação Científica Júnior, fruto do trabalho desenvolvido pela Sub-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR2) por meio da reestruturação e manutenção do programa na Universidade. “A Iniciação Científica, que para nós estava sendo vivenciada fora dos muros da UERJ, com os nossos parceiros institucionais externos, retomou sua essência dentro da Instituição. Este foi, ao mesmo tempo, um resgate e um avanço do Programa”, diz.

O Programa de IC Júnior teve início em 1986, coordenado pela professora Julieta Vallim de Mendonça, em uma parceria estabelecida entre o CAp/UERJ e a Fundação Oswaldo Cruz. A professora, uma das principais homenageadas na cerimônia do jubileu de prata, comenta que o aspecto que mais preza na sua experiência de coordenação de



programas com bolsas de aprendizagem advém da Iniciação Científica vinculada ao ensino médio. “Os alunos começam a trilhar esse conhecimento de pesquisa de uma maneira muito prazerosa e curiosa. Quando eu abracei a iniciativa de IC Júnior, a oportunidade desses jovens entrarem no mundo da ciência era inovadora, pela possibilidade de inserir a educação e a escola em um exercício de atividade profissional”, diz a professora Julieta.

Para a professora da Faculdade de Odontologia, Katia Regina Cervantes Dias, homenageada no evento como a docente que orientou o maior número de bolsistas de IC Júnior, o Programa é um grande teste vocacional, vai além da iniciação à pesquisa: “Muitas vezes os alunos querem seguir uma carreira profissional que não conhecem e é na Iniciação Científica Júnior que terão a oportunidade de confirmar se é mesmo aquela área que desejam para o seu futuro”, explica. O Programa de IC Júnior está aberto

para alunos do 8º e do 9º ano do ensino fundamental e do 1º e do 2º ano do ensino médio. Na cerimônia, bolsistas e ex-bolsistas também receberam distinções.

Kim Kaznowski da Silva, de 19 anos, ex-bolsista em projeto na área de Física e atualmente aluno do 2º período de Robótica na UFRJ, a experiência foi gratificante “pela bagagem que trouxe para a minha graduação por meio do ensino da Física.

Hoje vejo que tive uma experiência pessoal que faz diferença na Faculdade”. Para a estudante de Nutrição da Universidade Gama Filho, Camila Senceite da Costa, de 22 anos, bolsita de IC Júnior entre 2005 e 2008, a sua participação em uma pesquisa de análise clínica na Fiocruz, sobre leishmaniose e variabilidade genética entre os triatomíneos da doença de Chagas, “a experiência foi muito boa porque tive contato com a área científica e gostei. Representou um engrandecimento pessoal e profissional”. Rafaela Senceite da Costa, irmã mais nova de Camila e aluna do 2º ano do ensino médio do CAp/UERJ, também participa de um projeto na Fiocruz desde 2009. Ela disse ter adquirido “um conhecimento muito além do que esperava”. Como parte das comemorações dos 25 anos do Programa de IC Júnior, a equipe do Núcleo de Editoração e Pesquisa do Instituto de Aplicação produziu um vídeo com depoimentos de professores e alunos.



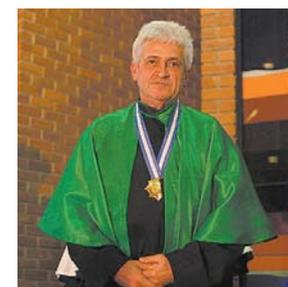
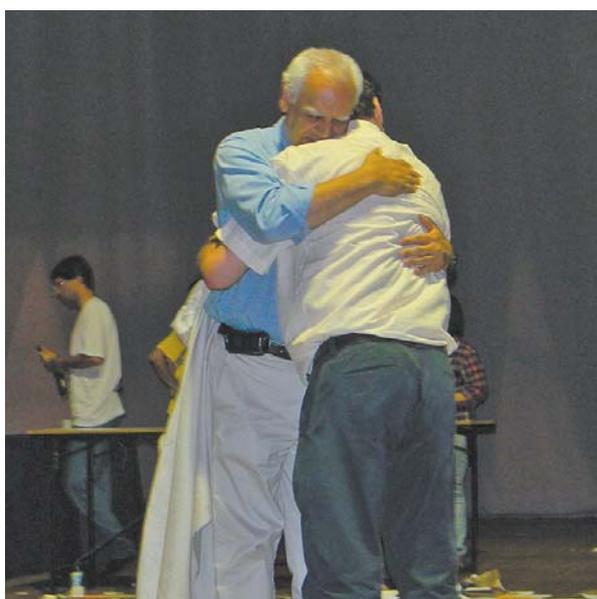
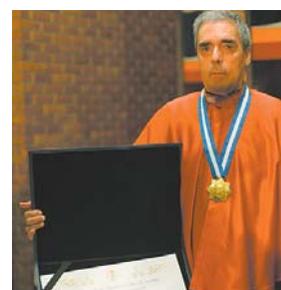
Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Graça Louzada Reportagem: Janaina Soares, Karen Candido, Mariana Pelegrini e Mayana Garcia Estagiária: Layssace Prazeres, Renata de Castro e Thayz Guimarães Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Retrospectiva UERJ 2011 em imagens



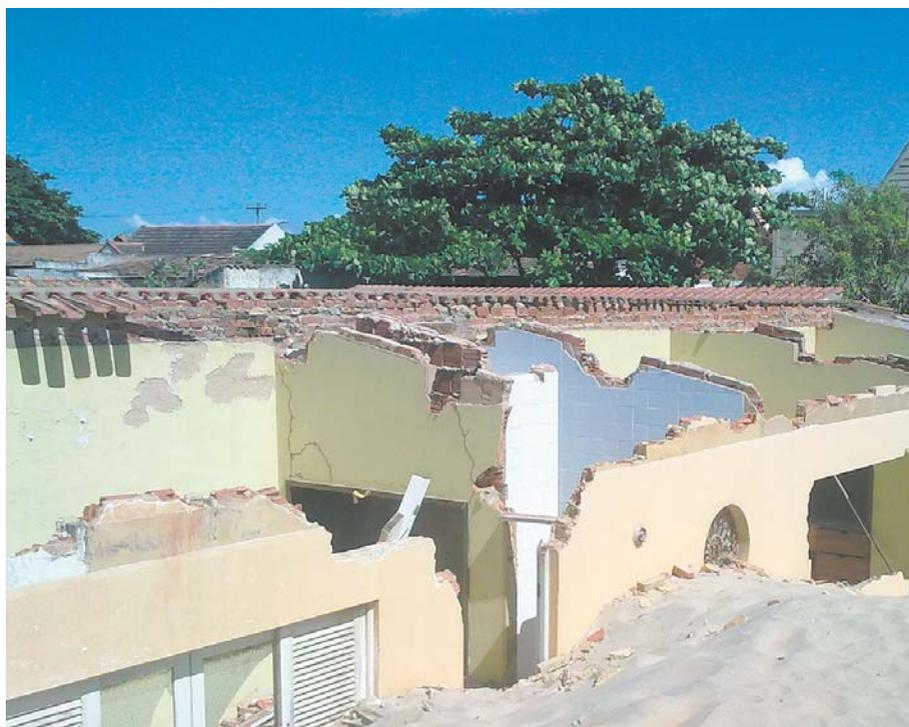
Projeto estuda erosão costeira no norte do estado

Áreas habitadas em distrito de São João da Barra estão sendo destruídas há décadas

Atafona, cidade situada no norte fluminense, está sofrendo com a ação da natureza. O avanço do mar já provocou várias consequências para os moradores locais, entre as quais a perda de parte do seu território e patrimônio. Em lugares onde antes existiam casas e ruas, como a avenida à beira-mar do lugarejo, hoje se vê apenas areia, em um cenário de destruição: cerca de 400 casas, em 16 quarteirões, já foram arrasadas. Distrito pertencente ao município de São João da Barra, situado ao sul da foz do rio Paraíba do Sul, local onde o rio deságua no mar, Atafona padece há décadas com o processo de erosão. Há cerca de 50 anos, os moradores de uma colônia de pescadores foram os primeiros a sentirem esse efeito da natureza. O problema não ficou restrito à população de baixa renda: nos últimos 15 anos, casas de veraneio construídas próximas ao mar foram as mais atingidas.

Para entender esse processo costeiro e atender a uma demanda local, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense receberam financiamento do CNPq para realizarem em 2004 os primeiros estudos na região. A partir de 2006, com o apoio da Faperj, a pesquisa passou a ser coordenada pelo professor de Engenharia Cartográfica da UERJ Gilberto Pessanha. “O objetivo era responder às perguntas da população, tais como: minha casa vai durar até quando? A erosão vai evoluir mais? Eu posso construir naquela região? O que nos motivou foi justamente fazer uma pesquisa em profundidade para poder responder pelo menos parte do que as pessoas perguntavam”, conta o professor.

Ele diz que os ventos, as ondas, as marés e a deriva litorânea (corrente costeira que contribui para transportar os sedimentos do litoral) são os agentes naturais que contribuem significativamente para erosão costeira. O processo de erosão é desencadeado pelo vento, responsável por ampliar o poder de destruição da praia pelas ondas. “Em Atafona o vento é muito intenso, na ordem de até 30 nós no sentido nordeste-sudoeste. Se a maré estiver alta (chamadas marés de



Avanço do mar traz a areia que há 50 anos invade casas da vila de Atafona, no norte fluminense



sizigia), as ondas avançam para dentro do continente. Nesse sentido, o vento é um personagem importante”, explica. O professor Gilberto acrescenta, porém, não se pode culpar apenas os fenômenos da natureza, porque o homem também é agente marcante na destruição do local: as barragens construídas no rio Paraíba do Sul provocaram a diminuição da quantidade de água e de sedimentos que seguem para o litoral. “A consequência disso é menos areia para ‘engordar’ a praia. Hoje, não há como saber se a erosão costeira é causada por um evento natural ou provocada pelo

homem. Pelo que observamos é possível afirmar que a responsabilidade é de 50% para cada lado”.

Hoje o cenário em Atafona está um pouco modificado em relação ao monitorado anteriormente. Até 2006 e 2007 a erosão costeira correspondia a cerca de três metros por ano. Em 2008 e 2009 aconteceu um processo mais intenso de erosão, com cerca de sete metros anuais. Desde 2010, no entanto, a erosão está mais branda, ou seja, a agressividade da onda não está tão forte como antes. Segundo o professor, mesmo com o aumento recente da faixa de areia, a

ocupação do local nunca deveria ter ocorrido, por se tratar de área de risco, porque em pontal arenoso (espécie de banco de areia) na desembocadura de um rio nunca deve ser ocupado. A preocupação de Gilberto Pessanha aumenta com a aproximação do verão, porque há questionamentos da população sobre a possibilidade de novas construções no local. Além disso, a redução na erosão é um fato episódico: “De alguma forma isso pode se estabilizar por um determinado tempo, mas o processo erosivo pode voltar. Tudo isso envolve vários estudos – tanto de cartografia, como também de clima, ondas, ventos, taxas e transporte de sedimentos. E existem outros condicionantes do ambiente físico que devem ser analisados para que possamos inferir algo sobre o futuro próximo”, avalia.

Uma possível justificativa para a modificação desse cenário se deve à movimentação de areia e sedimentos na foz do rio Paraíba do Sul, que provoca a formação de bancos arenosos na parte submersa do rio que, por sua vez, amortecem o efeito das ondas. Outro fator determinante é a presença do Porto do Açú no sul do município de São João da Barra. Ali está em construção um píer para que embarcações de grande porte possam atracar, mas a sedimentação marinha (areia que o rio acumula) começa a esbarrar na parte submersa da plataforma continental e modificar a sua deposição, o que pode interferir na movimentação das embarcações. Para solucionar o problema, dragas de um navio chinês revolveram os sedimentos do fundo marinho e essa movimentação está modificando o cenário submerso: “Os bancos arenosos promoveram um bloqueio parcial do ataque provocado pela onda em uma parte da praia do Açú”, justifica o professor de Engenharia Cartográfica.

Desde o seu início, o projeto da UERJ em Atafona conta com a participação de estudantes dos cursos de graduação de Geografia e Engenharia Cartográfica e também de mestrandos do programa de pós-graduação. Detalhes sobre o projeto estão disponíveis no endereço: <www.atafona.uerj.br>.

Docente da UERJ chega ao mais alto cargo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

A cirurgia plástica tem grande importância para a vida de muitas pessoas. Para a Organização Mundial da Saúde, a definição de saúde é “o bem estar social, físico e mental”. “A cirurgia plástica e todas as cirurgias reparadoras e estéticas inserem o paciente no conceito de saúde da OMS. A plástica é importante tanto para tratar pacientes fissurados lábio-palatino e queimados, por exemplo, como também para a estética, porque devolve ao paciente uma vida normal”, diz o cirurgião José Horácio Aboudib, professor da Faculdade de Ciências Médicas, eleito presidente nacional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) para o biênio 2012-2013. Ele diz que a UERJ contribuiu de modo significativo para a sua formação profissional. Foi orientando do médico Ivo Pitanguy em 1981 e em 1983 ingressou como professor na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade. “A minha eleição é uma prova da força que a UERJ tem hoje e da representatividade que possui em todos os cenários, inclusive na cirurgia plástica”, afirma o professor, cuja posse oficial está marcada para janeiro de 2012.

Com cinco mil membros, a SBCP é hoje a segunda maior sociedade de cirurgia plástica do mundo e tem o mais amplo centro de capacitação, com cerca de 450 médicos em treinamento constante. Foi a primeira organização científica a realizar provas para obtenção do título de especialistas com chancela do Ministério da Educação, da Associação Médica Brasileira (AMB) e do Conselho Federal de Medicina (CFM). Além disso, há dois anos realiza o maior congresso de cirurgia plástica do planeta. “A cirurgia plástica brasileira hoje é respeitada no mundo inteiro, inclusive nos Estados Unidos (que tem a maior sociedade, com oito mil membros). Temos aqui uma Sociedade participativa e uma ação intensa, tanto interna quanto externa ao nosso campo”, comemora o professor Aboudib, acrescentando que a SBCP possui um estatuto semelhante ao de qualquer associação cuja finalidade seja basicamente científica, sempre em busca do aprimoramento dos cirurgiões por meio de congressos e cursos.



“A minha eleição é uma prova da força que a Universidade tem hoje e da representatividade que possui em todos os cenários, inclusive na cirurgia plástica”

Entre os projetos do novo presidente está a intenção de estreitar a relação da SBPC com outras representações, como o Conselho Federal de Medicina, para juntos submeterem ao Congresso Nacional uma lei que restrinja as atividades de cirurgia plástica a especialistas: “Nós e outras especialidades médicas temos que trabalhar no sentido de aprovarmos uma lei que reconheça o especialista, porque o médico que se forma hoje pode fazer praticamente tudo. A lei é muito abrangente e não restringe o ato da especialidade. Este é um trabalho árduo que vamos incorporar”, anuncia Aboudib. Também está na pauta dos trabalhos a serem desenvolvidos a aproximação com o Judiciário e com o Ministério Público. A SBCP deverá realizar simpósios para apresentar a setores do Judiciário

como a Sociedade está organizada e o trabalho dos seus integrantes, bem como suas dificuldades e limitações. O objetivo principal, explica o professor, é minimizar o sensacionalismo produzido pelos meios de comunicação que muitas vezes divulgam barbaridades. “O trabalho sério não costuma ser notícia, então não é divulgado pela imprensa”, diz ele. Outra queixa do professor está na expressão “precisão cirúrgica” que costuma ser utilizada por alguns meios: “É colocada sobre o cirurgião uma infalibilidade que não é humana. Temos que divulgar as nossas falibilidades e limitações em lidarmos com pessoas e de sermos humanos. Mas, além disso, devemos mostrar nossa boa-fé, porque estudamos e nos aprimoramos para fazermos o melhor que podemos”, observa.

A cirurgia requer cuidados, principalmente quando o paciente apresenta estado de saúde debilitado. O professor Aboudib explica que a cirurgia plástica tem riscos semelhantes a qualquer procedimento cirúrgico e pode acarretar os mesmos problemas, como choque anafilático, infecção, trombose e embolia pulmonar. Na fase pré-operatória o paciente deve fazer exames de sangue, urina, coração e todos aqueles necessários para a avaliação do risco que a cirurgia pode trazer. Ele alerta para a banalização das operações plásticas e para o limite entre o necessário e o supérfluo, ao explicar o distúrbio identificado como dismorfobia, também conhecida como síndrome de distorção da imagem, quando o paciente se vê de modo oposto ao que na realidade é. Em casos como esses os pacientes são orientados a procurar ajuda psiquiátrica.

O professor recomenda a cirurgia apenas quando há necessidade e reforça a necessidade de buscar referências sobre o médico que irá realizar a operação. Esta deve ser feita por profissional que integre a SBCP, porque todos os especialistas passaram por dois anos de residência em cirurgia geral e três de cirurgia plástica para, em seguida, fazerem a prova oral, escrita e de currículo organizada pela própria Sociedade. O professor Aboudib chama a atenção para a existência de muitos médicos que realizam cirurgias plásticas sem serem especialistas. Os nomes dos 5.000 cirurgiões que fazem parte da SBCP podem ser consultados no *site* da Sociedade, em <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br>>. As cirurgias plásticas reparadoras realizadas na UERJ são atendidas pelo Sistema Único de Saúde, enquanto as estéticas (em número reduzido) são financiadas pelo Hospital Universitário como parte do treinamento dos residentes. “Hoje a UERJ tem as residências mais procuradas do país. Temos uma diversidade de cirurgias e contamos com um corpo clínico de alto padrão”, considera o professor.

UERJ integra grupo que avalia danos do vazamento de petróleo no litoral norte

Professor da Oceanografia é o perito oficial da Polícia Federal

O professor da Faculdade de Oceanografia da UERJ David Zee concluiu em novembro a elaboração de um laudo técnico para avaliar os danos causados pelo vazamento de óleo em alto mar no Campo de Frade, na bacia de Campos. Ele foi convidado pela Delegacia de Meio Ambiente e Patrimônio Histórico da Polícia Federal, que abriu inquérito para investigar o episódio. O assunto recebeu destaque nos noticiários nacional e internacional no início daquele mês, quando um poço de petróleo explorado pela companhia americana Chevron provocou o vazamento do equivalente a mais de 2.000 barris de petróleo durante o processo de perfuração.

O professor Zee conta que recebeu um telefonema da equipe do delegado Fábio Scliar “informando que meu nome havia sido cotado para ajudar na perícia. É um trabalho de perícia *ad hoc*, não remunerado, que tem por finalidade dar o respaldo técnico necessário”. Em seguida ao convite ele viajou com a equipe envolvida para sobrevoar a mancha: “Meus depoimentos tiveram o intuito de mostrar que o País e o mundo não estão preparados estrategicamente para esse tipo de acontecimento. Não há culpados ou inocentes, mas um fato novo. Explorar o mar a 2.000 metros de profundidade é algo ousado desenvolvido pelo homem, mas infelizmente ainda não há legislação ou normas elaboradas de tal forma que previnam os impactos e orientem como agir de modo correto em caso de acidente”, argumenta. O conteúdo do laudo técnico, preparado pelo pesquisador com o auxílio de um estagiário da Faculdade de Oceanografia, é sigiloso e serviu como base para o inquérito da Polícia Federal.

Ao comentar este trabalho, Zee recorda o vazamento de óleo provocado pela explosão da plataforma da British Petroleum no Golfo do México em abril de 2010, quando “durante 87 dias vazou óleo de forma descontrolada e em proporções maiores que este no litoral do estado do Rio.” Zee acredita que o acidente da Chevron serve como alerta para o que pode ocorrer quando o pré-sal for explorado: “Não é ser contra usufruir dos recursos naturais, mas defender que devemos utilizá-los da forma mais inteligente possível para que as pessoas tenham consciência

de que esse mesmo mar de onde se retira o petróleo nos fornece alimentos, recicla 50% do oxigênio do planeta por meio do fitoplâncton e é via de transporte da comercialização internacional.”

De acordo com o professor, no Plano de Emergência Individual (PEI) – para incidentes de poluição por óleo em águas sob jurisdição nacional – estavam con-

templadas várias ações, mas que não eram cumpridas. “Não é possível que uma indústria de exploração do petróleo pague somente os próprios custos. E os custos da fiscalização?”, indaga.

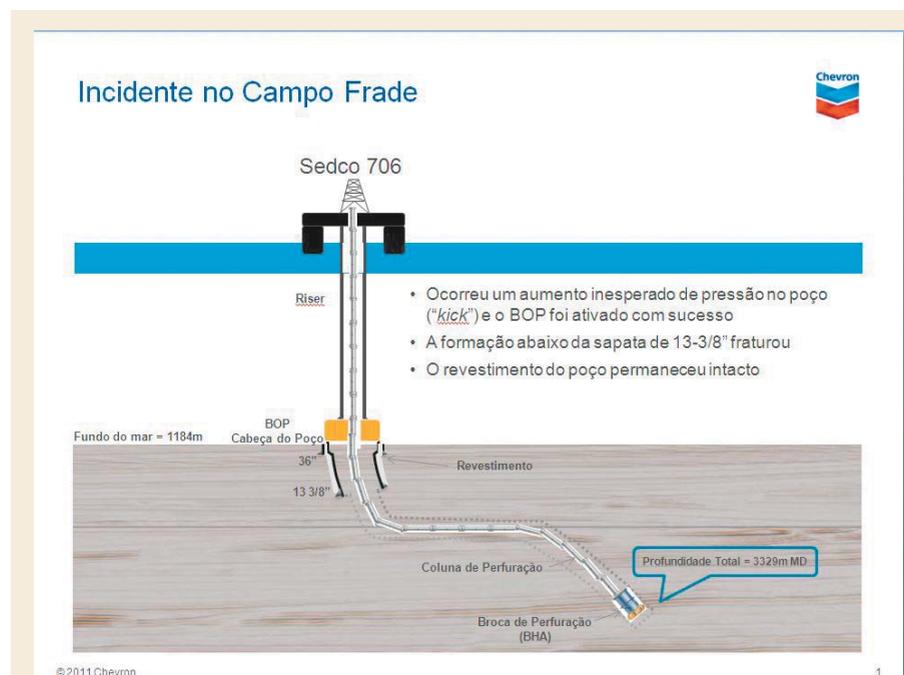
O pesquisador alerta também para a questão dos *royalties*. “Eles são um custeio para a infraestrutura urbana e segurança ambiental desses locais onde há explora-

ção do petróleo. Todos querem dividir os benefícios, mas não os custos.” Ele acredita que parte dos *royalties* deveria ser destinada a desenvolver tecnologia de ponta, que atualmente está a cargo das empresas produtoras de petróleo, que investem na produção e na exploração e praticamente nada em prevenção. “A responsabilidade não é só da empresa, mas de toda a sociedade, que permitiu que isso acontecesse.”

Sobre a possibilidade de o óleo chegar às praias Zee explica que o tipo de óleo do Campo de Frade é pesado e possui menos substâncias voláteis. Quando chega à superfície do mar, evapora nas primeiras 48 horas, o que provoca uma contaminação do ar. Outra fração é dissolvida na água do mar, enquanto que outra é digerida por microrganismos. “Há outra fração do petróleo que não é degradada e com a agitação do mar forma aquela borra semelhante ao piche. É o mais perigoso porque tem uma vida útil maior e tende a decantar para o fundo, mas isso leva tempo”, esclarece, acrescentando que a possibilidade é remota pelo volume ser pequeno.

O professor da Faculdade de Oceanografia se diz honrado em poder contribuir para o inquérito da PF e também por propagar as ações da UERJ. “Para mim foi uma honra receber esse convite e contribuir para essa discussão. Estamos procurando a verdade dos fatos para melhorar o futuro. Só com experiência poderemos tomar melhores providências. Devemos ser campeões não somente em produção de óleo em grandes quantidades, mas também de legislação, equipamentos e prevenção porque a sustentabilidade está enraizada no Brasil.”

No dia 7 de dezembro Zee participou no Senado Federal da audiência pública Jornada pela Inovação, que abordou o tema “Inovação e Cadeia Produtiva do Petróleo e Gás”, e teve representantes da Finep, da Petrobras e da Confederação Nacional da Indústria. “Estava ali representando a academia, para mostrar a capacidade e responsabilidade desse segmento na conscientização da sociedade.” Na opinião de Zee, apesar dos grandes investimentos na exploração do petróleo, existe uma carência no desenvolvimento de tecnologias para prevenção, o que poderia ser feito com a isenção necessária pelas universidades, principalmente aquelas situadas em estados produtores de petróleo.



Na audiência pública realizada em Macaé no início de dezembro, um representante da Chevron afirmou que o vazamento começou depois que o equipamento de uma das plataformas sofreu uma pressão inesperada durante a perfuração. A partir daí, foram constatadas fissuras no solo marinho, a maior delas com aproximadamente 257 metros, e o poço foi controlado. De acordo com a empresa, o vazamento foi de 2.400 barris, equivalente a mais de 381 mil litros de óleo. A Chevron assegura ter controlado a vazão do reservatório perfurado, que mandava o óleo para a superfície, mas admitiu que um residual continua vazando.

Pesquisador visitante emérito na UERJ, com bolsa da Faperj, Hernani Chaves explica que o vazamento onde ocorreu o chamado *kick* (quando um poço é furado e o fluido, neste caso o petróleo, invade o reservatório) foi em poço que fica cerca de 2.300 metros de profundidade. “É uma rocha porosa que armazena um gás que está em pressão superior ao esperado naquela profundidade, provocando o *kick*. Quando a lama presente na perfuração não é suficiente para segurar a pressão, o líquido retorna para dentro do tubo”, explica.

O professor acredita que ao perceber o que aconteceu, a Chevron fechou o BOP (*blowout preventer*, equipamento que funciona como uma espécie de torneira). Com isso, a pressão aumentou e o petróleo vazou por fissuras na tubulação do poço.

Esse é o oitavo campo de produção de petróleo no Brasil, com produção de cerca de 70 mil barris por dia (cada barril tem 160 litros aproximadamente). Para o professor Hernani, a plataforma da Chevron custa US\$ 170 mil por dia. Devido ao vazamento foi preciso colocar uma lama pesada no tubo para fazer com o que o petróleo retornasse à origem, inutilizando o poço. O pesquisador acredita que o cimento não aderiu quando foi feito o revestimento do tubo ou foi utilizado um revestimento inadequado, por isso é imprescindível o esclarecimento do que ocorreu. Geólogo aposentado da Petrobras e da Faculdade de Geologia, o professor Hernani registra que algumas perguntas permanecem sem respostas: Quem detectou o vazamento? Havia um funcionário na superfície para verificar? Houve erro de operação na cimentação do revestimento, provocando a quebra, ou o material era deficiente?

Programa pioneiro global de Embaixadores de Telessaúde é lançado no Rio

Como forma de fortalecer projetos e ações colaborativas mundiais utilizando a telemedicina e a telessaúde para a promoção da saúde, a prevenção de doenças, maior agilidade em diagnósticos e no tratamento por meio de redes mundiais foi lançado em novembro, no Rio, o Programa Global dos Embaixadores de Telessaúde (*Global eHealth Ambassadors Program*), com o arcebispo sul-africano Desmond Tutu na função de embaixador coordenador. O Reitor Ricardo Vieiralves, o Vice-reitor eleito Paulo Roberto Volpato e a coordenadora do Telessaúde UERJ, professora Alexandra Monteiro, estiveram presentes na cerimônia que oficializou o início do Programa, na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

O arcebispo Desmond Tutu disse que o país é um membro importante dos BRICs (formado por Brasil, Rússia, Índia, China e, mais recentemente a África do Sul): “O Brasil faz um ótimo trabalho e espero que possa disseminar essa experiência pioneira para outros países”. Também presente ao encontro, a coordenadora da rede *ePORTUGUÊSe*, Regina Ungerer, destacou o desempenho das tecnologias de informação e comunicação e o desafio enfrentado pelos países em desenvolvimento em se comunicar eletronicamente, considerando que o acesso à internet ainda é uma barreira: “O uso de tecnologias de informação e comunicação em saúde (*e-health* ou telessaúde como identificamos aqui), é hoje um instrumento importante para o atendimento ao doente, para o desenvolvimento dos sistemas de saúde e para a saúde pública”. A coordenadora da rede *ePORTUGUÊSe* – programa da Organização Mundial da Saúde criado para apoiar o desenvolvimento de recursos humanos para a saúde nos países de lín-



Coordenado pelo arcebispo Desmond Tutu, Programa Global tem como meta auxiliar na prevenção de doenças



gua portuguesa, ao fortalecer a colaboração na área da informação e a capacitação em saúde – disse também que deve haver igualdade de acesso à educação, à saúde e à informação: “Esse avanço que iniciamos hoje, em direção à inclusão digital, será uma grande vitória para todos. Temos que trabalhar em rede e, no meu caso, na rede *ePORTUGUÊSe*”.

Palavras dos embaixadores

Durante a cerimônia, o arcebispo sul-africano pediu que os embaixadores globais ou seus representantes se levantassem e fizessem um juramento se comprometendo à promoção mundial do *e-health*. Os embaixadores do Programa são personalidades mundiais convidadas para atuar na defesa do uso das tecnologias de telessaúde e na promoção de sistemas integrados que deem maior visibilidade

à área fortalecendo parcerias e programas de ajuda para os países em desenvolvimento. Cinco personalidades foram escolhidas para trabalhar com o arcebispo Desmond Tutu: o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso; Emilio Rui Vilar, presidente da Fundação Gulbenkian; Nigel Crisp, ex-CEO do Sistema Nacional de Saúde da Inglaterra (NHS, na sigla em inglês); Peter Gabriel, músico e ativista dos direitos humanos; e Strive Masiyiwa, fundador e CEO da empresa Econet Wireless. A Microsoft será a empresa responsável por fornecer a plataforma de comunicação.

Miguel Darcy, representando o ex-presidente Fernando Henrique, disse que o Brasil tem muitos desafios na área da saúde pública, um problema mundial, e destacou a colaboração e a união de forças apresentadas pelo e-saúde: “Para o ex-pre-

sidente essa é uma área nova e promissora e representa um ótimo momento para dividirmos experiências e aprendermos. Creio ser um desejo comum que, sendo bem sucedida na área de saúde, esta experiência possa servir como referência a vários campos do conhecimento.” A administradora da Fundação Calouste Gulbenkian, Isabel Mota, representou Emilio Rui Vilar, presidente da entidade portuguesa. Na sua fala disse que “O que nos une aqui hoje é uma causa. Acreditamos no desafio dessa missão, que é procurar novos caminhos para ajudar as pessoas, e também que atuar sozinho não faz sentido”. Ela completou dizendo que o *e-health* pode beneficiar uma parte da população europeia excluída, que são os idosos.

Strive Masiyiwa destacou que, em 1998, 70% dos africanos não conheciam o telefone e que hoje 650 milhões possuem aparelho celular. Para ele, investimentos em tecnologia foram feitos para viabilizar ferramentas de conexão e interação com o mundo: “Não podemos continuar vivendo em um mundo no qual assistimos ao vivo na televisão, sentados em nossa sala, a uma criança morrendo de fome na Somália”. Em depoimentos gravados em vídeo, Nigel Crisp e Peter Gabriel enfatizaram como a telemedicina contribui para ajudar pessoas em lugares remo-

tos do planeta e dos seus desejos de que o *e-health* possa se multiplicar em todo o mundo.

O diretor da Sociedade Internacional para Telemedicina e *e-health* (*International Society for Telemedicine and eHealth - ISfTeH*), Yunkap Kwankam, parabenizou a UERJ pelo trabalho na área de telemedicina e identificou as tecnologias da informação e da comunicação como o terceiro pilar da indústria de saúde: o primeiro foi a química no século XIX e o segundo a física, no século XX.

Atualmente existem no país dois programas federais em telessaúde, que conectam hospitais universitários (Rede Rute) a municípios remotos onde existe acesso a banda larga (Programa Telessaúde Brasil Redes). O Telessaúde UERJ exerce a coordenação do Núcleo Técnico-Científico do Estado do Rio de Janeiro (Programa Telessaúde Brasil Redes) e atua na Rede Rute, chegando a outras comunidades internacionais. O Laboratório de Telessaúde da Universidade é responsável pela implementação e sustentabilidade de diferentes projetos em telemedicina e telessaúde, conectando internamente todo o estado do Rio de Janeiro e com outros estados brasileiros e outros países. Entre os projetos destaca-se o Núcleo Rio do Programa Telessaúde Brasil Redes, do Ministério da Saúde, iniciado em 2005, que abrange municípios geograficamente afastados. Com cerca de 15 mil profissionais de saúde cadastrados, entre brasileiros e estrangeiros, o Laboratório desenvolve atividades de teleeducação com aulas via teleconferência, seminários ao vivo, cursos a distância, teleconsultoria para segunda opinião, telediagnóstico especializado, matérias instrucionais para equipes escolares e jogos *on-line* voltados para a prevenção da obesidade infantil e da tuberculose.

Universidade elege novos diretores de unidades acadêmicas e administrativas

No período compreendido entre 25 e 27 de outubro, 11.243 eleitores, entre docentes, técnico-administrativos e alunos, votaram nas eleições para Reitor e Vice-reitor e também para diretores dos centros setoriais, diretor e vice-diretor das respectivas unidades acadêmicas e direção do Hospital Universitário, da Rede Sirius e do Cepuerj. Todos irão exercer suas funções no quadriênio 2012-2015.

Na maioria das unidades os cargos serão ocupados por novos diretores. As exceções são o Instituto de Medicina Social, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, o Centro de Educação e Humanidades, o Instituto de Educação Física e Desportos, o Centro de Tecnologia e Ciências, a Escola Superior de Desenho Industrial, a Faculdade de Engenharia, o Cepuerj e o Hospital Universitário, que reelegeram seus dirigentes para mais um mandato. Há também casos em que diretores e vices inverteram os cargos, como a Faculdade de Administração e Finanças, o Instituto de Química e a Faculdade de Oceanografia.

Confira a seguir a lista completa e um breve perfil dos eleitos.

CENTRO BIOMÉDICO

Mario Sérgio Alves Carneiro

Faculdade de Ciências Médicas

Diretora: Albanita Viana de Oliveira

Professora titular, graduada em Medicina pela UniRio, mestre em Anatomia Patológica pela UFRJ e doutora em Patologia pela USP.

Vice-diretor: Marcos Junqueira do Lago

Faculdade de Enfermagem

Diretora: Helena Maria Scherlowski Leal David

Professora adjunta, graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Fundação Oswaldo Cruz, com mestrado e doutorado em Saúde Pública da mesma instituição, e pós-doutorado pela Universidade de Alberta, no Canadá.

Vice-diretora: Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza

Faculdade de Odontologia

Diretora: Maria Isabel de Castro de Souza

Professora adjunta, com graduação em Odontologia e mestrado em Odontopediatria pela UERJ e doutorado em Odontologia da UFRJ; vice-diretora da Faculdade de Odontologia no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Ricardo Guimarães Fischer

Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes

Diretor: Jorge José de Carvalho

Professor associado, graduado em Ciências Biológicas pela UERJ, com mestrado em Ciências Morfológicas pela UFRJ e doutorado em Histologia pela USP; chefe do Departamento de Histologia e Embriologia entre 2008 e 2010.

Vice-diretora: Norma Albarello

Instituto de Medicina Social

Diretor: Cid Manso de Mello Vianna

Professor adjunto, reeleito diretor do IMS. Graduado em Engenharia Química pela UFRJ, com mestrado e doutorado em Economia também pela UFRJ; presidente do Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva da UERJ entre 2008 e 2010.

Vice-diretor: Michael Eduardo Reichenheim

Instituto de Nutrição

Diretora: Inês Rugani Ribeiro de Castro

Professora adjunta, graduada em Nutrição pela UFRJ, com mestrado em Saúde Pública pela Fiocruz e doutorado em Saúde Pública pela USP; chefe do Departamento de Nutrição Social entre 2010 e 2011.

Vice-diretora: Flávia Fioruci Bezerra

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Léo da Rocha Ferreira

Faculdade de Administração e Finanças

Diretor: Luiz da Costa Laurencel

Professor adjunto, graduado em Engenharia Eletrônica, mestrado em Engenharia de Transportes e doutorado em Engenharia de Produção, todos pela UFRJ; vice-diretor da FAF no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretora: Adriana Lana Ramos

Faculdade de Ciências Econômicas

Diretor: Gregorio Forell Lowe Stukart

Professor assistente, graduado em Economia pela UFRJ, mestrado em Economia pela Universidade de Columbia, nos EUA, e doutorado em andamento em Ciência Política pela USP.

Vice-diretor: Paulo Henrique Soto Costa

Faculdade de Direito

Diretor: Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor auxiliar, da área de Direito Civil; vice-diretor da Faculdade de Direito no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: João Eduardo de Alves Pereira

Faculdade de Serviço Social

Diretora: Cleier Marconsin

Professora adjunta, graduada em Serviço Social pela PUC-Campinas, mestre pela UFPB e doutora em Serviço Social pela UFRJ; presidente da Asduerj entre 2010 e 2011.

Vice-diretora: Andréa de Sousa Gama

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Diretora: Dirce Eleonora Nigro Solis

Professora adjunta, com graduação pela Universidade de Santa Úrsula, mestrado pela PUC-Rio e doutorado em Filosofia pela UERJ; subchefe do Departamento de Filosofia entre 2010 e 2011.

Vice-diretora: Edna Maria dos Santos

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Glauber Almeida de Lemos

Faculdade de Comunicação Social

Diretor: Fernando do Nascimento Gonçalves

Professor adjunto, mestre e doutor em Comunicação pela UFRJ, especialização em Educação em Saúde e pós-doutorado pela Universidade Paris V-Sorbonne; coordenador adjunto do Programa de Pós-graduação em Comunicação entre 2010 e 2011.

Vice-diretor: Erick Felinto de Oliveira

Faculdade de Educação

Diretora: Rosana Glat

Professora adjunta, com graduação em Psicologia pela University of the Pacific, nos EUA, mestrado em Psicologia pela Northeastern University, nos EUA, e doutorado em Psicologia Social pela FGV-Rio.

Vice-diretora: Rosana de Oliveira

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Diretor: Jorge Máximo de Souza

Professor assistente, reeleito como diretor da FEBF, com bacharelado pela UFRJ, licenciatura em Português/Literaturas pela UERJ e mestrado em Língua Portuguesa pela UFRJ, doutorado em andamento em Língua Portuguesa na UERJ.

Vice-diretora: Marize Peixoto da Silva Figueiredo

Faculdade de Formação de Professores

Diretor: Manoel Martins de Santana Filho

Professor adjunto, graduado em Geografia pela UFF, com especialização em Problemas no Desempenho Escolar na Faculdade de Humanidades Pedro II, mestrado em Educação pela UERJ e doutorado em Geografia pela USP.

Vice-diretor: Rogério Carlos Novais

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Diretor: Lincoln Tavares Silva

Professor assistente, com bacharelado e licenciatura em Geografia, especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio e mestrado em Educação; diretor do CAp-UERJ entre 2004 e 2008.

Vice-diretora: Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto

Instituto de Artes

Diretora: Denise Espírito Santo da Silva

Professora adjunta, graduada em Teoria do Teatro, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Teoria Literária; coordenadora de extensão e vice-coordenadora da Licenciatura entre 2008 e 2010.

Vice-diretor: Aldo Victorio Filho

Instituto de Educação Física e Desportos

Diretor: Edson Almeida Ramos

Professor associado, reeleito como diretor, possui licenciatura plena em Educação Física pela UERJ.

Vice-diretor: Jayme Pimenta Valente Filho



Instituto de Letras

Diretora: Maria Alice Gonçalves Antunes

Professora adjunta, graduada em Inglês/Literaturas pela UERJ, mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ e doutora em Letras PUC-Rio; vice-diretora do Instituto de Letras no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretora: Tânia Mara Gastão Saliés

Instituto de Psicologia

Diretora: Rita Maria Manso de Barros

Professora adjunta, graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho, com mestrado e doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; vice-diretora do Instituto de Psicologia no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretora: Márcia Maria Peruzzi Elia da Motta

CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

Maria Georgina Muniz Washington

Escola Superior de Desenho Industrial

Diretor: Rodolfo Reis e Silva Capeto

Professor auxiliar, diretor reeleito da ESDI, possui graduação em Desenho Industrial pela UERJ.

Vice-diretor: Luiz Antonio de Saboya

Faculdade de Engenharia

Diretora: Maria Eugenia Gouvêa

Professora assistente, reeleita diretora da FEN, graduada em Engenharia pela Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, e mestre em Engenharia Mecânica pela PUC-Rio.

Vice-diretor: Jorge Duarte Pires Valério

Faculdade de Geologia

Diretora: Lélia Maria de Araujo Kalil Thiago

Professora adjunta, com graduação em Ciências Biológicas pela UFRRJ, mestrado e doutorado em Geologia pela UFRJ; vice-diretora da Faculdade de Geologia no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Mauro Cesar Geraldês

Faculdade de Oceanografia

Diretora: Ana Lucia Travassos Romano

Professora assistente, mestre em Engenharia Elétrica e de Computação pela Unicamp, doutorado em andamento em Engenharia Elétrica na Unicamp; vice-diretora da Faculdade de Oceanografia no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Marcos Antonio dos Santos Fernandez

Faculdade de Tecnologia

Diretor: Jacques Fernandes Dias

Professor adjunto, graduado em Engenharia Química pela UFRJ, mestre e doutor em Química pelo IME; vice-diretor da FAT entre 2010 e 2011.

Vice-diretora: Anna Karina Buainain Sarquis Duarte

Instituto de Física Armando Dias Tavares

Diretora: Lucia de Assis Alves

Professora assistente, com graduação em Física pela UFRJ e mestrado em Educação pela UERJ; vice-diretora do Instituto de Física no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: José Roberto Pinheiro Mahon

Instituto de Geografia

Diretora: Aureanice de Mello Corrêa

Professora adjunta, com graduação, mestrado e doutorado em Geografia pela UFRJ; coordenadora das Oficinas de Criação Artística do Centro Cultural da UERJ no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Luiz Saavedra Baptista Filho

Instituto de Matemática e Estatística

Diretor: Geraldo Magela da Silva

Professor auxiliar, graduado em Matemática pela UERJ; vice-diretor do Instituto de Matemática e Estatística no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Pedro Antonio Sarubbi

Instituto de Química

Diretor: Marco Antonio da Costa

Professor assistente, com bacharelado e licenciatura em

Química pela Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, mestrado em Engenharia Ambiental pela UERJ; vice-diretor do Instituto no quadriênio 2008-2011.

Vice-diretor: Fernando Altino Medeiros Rodrigues

Instituto Politécnico do Rio de Janeiro

Diretor: Francisco Duarte Moura Neto

Professor adjunto, diretor reeleito do IPRJ, bacharel e mestre em Matemática pela PUC-Rio, doutor em Matemática pela Universidade da Califórnia e PhD em Matemática pela Universidade de Warwick, na Inglaterra.

Vice-diretor: Ivan Napoleão Bastos

Hospital Universitário Pedro Ernesto

Rodolfo Acatauassú Nunes

Professor adjunto, graduado em Medicina pela UERJ, com mestrado e doutorado em Medicina pela UFRJ. Tem MBA em Gestão de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas. Coordenador da disciplina Cirurgia Torácica, é docente dos Programas de Pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciências Médicas e Fisiocirurgia da Faculdade de Ciências Médicas.

Rede Sirius

Rosângela Aguiar Salles

Graduada em História e em Biblioteconomia e Documentação pela UFF, com especialização em Reengenharia e Recursos Humanos pela Universidade Cândido Mendes. Atuou na coordenação técnica de projetos de gerenciamento da informação em entidades públicas e privadas; conselheira do Conselho Regional de Biblioteconomia da 7ª Região entre 2009 e 2011. Coordenou o Núcleo de Planejamento e Administração da Rede Sirius no quadriênio 2008-2011.

Centro de Produção da UERJ

Maria das Graças Freire e Silva

Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá, mestre em Marketing pela Universidade Cândido Mendes. Possui experiência na área de marketing e capacitação de recursos em organizações de pequeno e médio porte, sem fins lucrativos e pertencentes ao terceiro setor.

Momento Itália Brasil tem programação extensa na UERJ

Como país que possui a maior colônia de origem italiana do mundo, com cerca de 35 milhões de pessoas, o Brasil comemora desde 15 de outubro o Ano da Itália no Brasil. Para celebrar esse período que se encerra em julho de 2012, a embaixada italiana de Brasília elaborou o projeto Momento Itália-Brasil, que prevê uma série de concertos, desfiles de moda, jornadas econômicas e acadêmicas, entre outras apresentações de áreas de excelência da Itália. O objetivo é enfatizar os laços de amizade e de cooperação entre as duas nações, divulgando cultura e tradição.

Nesse contexto a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil, e a Università di Roma Tor Vergata, na Itália, programaram uma série de comemorações que deve acontecer no *campus* principal da UERJ como parte do Momento Itália-Brasil. As duas universidades foram as únicas instituições de ensino superior selecionadas para participarem oficialmente do projeto. A escolha decorreu principalmente da antiga relação de cooperação acadêmica e de intercâmbio. Com a experiência acumulada em acordos anteriores, as duas universidades decidiram organizar a 1ª Jornada Acadêmica Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Università di Roma Tor Vergata, Società Geografica Italiana e Fundação RAS (Restoring Ancient Stabiae), que aconteceu entre 21 e 26 de novembro no *campus* Maracanã e reuniu profissionais dessas instituições. Como parte do evento foram realizados encontros voltados para o planejamento de outros projetos a serem desenvolvidos nas áreas de Preservação Ambiental, Geografia Humana e Sustentabilidade.

Na cerimônia de abertura da 1ª Jornada Acadêmica o Reitor Ricardo Vieiralves falou da importância da UERJ fazer parte da celebração do Ano da Itália no Brasil e anunciou o interesse da Universidade em organizar uma espécie de consórcio entre universidades brasileiras e italianas: “A UERJ está interessada em aprofundar estes laços de cooperação. O consórcio pode ser uma parceria Brasil-Itália coordenada pelas universidades do Estado do Rio de Janeiro e Tor Vergata”.

Segundo o professor visitante na UERJ Aniello Angelo Avella, um dos



Reitor é apresentado pela representante da Università di Roma Tor Vergata

organizadores da Jornada, o encontro já mostra resultados: “Foi uma semana inteira de trabalho e temos alguns desdobramentos: no final de janeiro, uma delegação da UERJ irá a Roma participar de uma conferência ligada às áreas protegidas localizadas perto de cidades. Uma das apresentações vai abordar a preservação e o funcionamento do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, em Teresópolis, onde a Universidade tem o seu curso de Turismo”. Ele disse que outras propostas de trabalho que foram elaboradas estão neste momento em fase de análise.

Novo convênio

Durante a 1ª Jornada também foi acertado um convênio para que professores da UERJ e da Università di Roma Tor Vergata passem períodos de dois a três meses nas respectivas instituições. O encontro acadêmico contribuiu ainda para reafirmar antigos acordos de intercâmbio entre alunos. Para o professor Avella essa cooperação sempre foi importante, mas que na atual conjuntura política da Itália se tornou ainda mais relevante: “O acordo tem importância para a Università di Roma Tor Vergata e todas as universidades italianas, porque a Itália está passando por um momento muito difícil. O contato com a universidade brasileira, que está atravessando uma boa fase, é a forma de reavivar as nossas capacidades, que ultimamente têm sido tolhidas pela crise e por decisões políticas que afetaram a vida acadêmica italiana.” Com a Società Geografica Italiana foi acorda-

detalha o especialista. A exposição “Para além de Pompeia, redescobrimo a antiga Stabiae” inclui a exibição de um vídeo que recria virtualmente o cotidiano de Stabiae – suas ruas, casas e jardins. A mostra acontece pela primeira vez no Brasil entre os meses de maio e julho de 2012. No mesmo período, a UERJ promove o Festival Itália, evento de cultura napolitana no qual artistas italianos farão exposições de teatro, cinema, dança, música e gastronomia.

O início

Em maio de 2010, uma delegação de professores da UERJ viajou para a Itália, onde se encontrou com professores da Università di Roma Tor Vergata, da Società Geografica Italiana e de outras instituições. Depois dessa visita os projetos e acordos de internacionalização entre as universidades dos dois países foram intensificados. O professor Aniello Avella está na UERJ há dois anos como professor visitante. Ele foi convidado pelo Reitor para contribuir no estreitamento dos laços entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Università di Roma Tor Vergata. “O Reitor me convidou para ser professor aqui, mas também para colaborar no estabelecimento de convênios e cooperações acadêmicas. Minha função é, como o Reitor disse, ‘ser embaixador da Itália na UERJ’”, diz.

Um desses convênios está vinculado ao projeto de interiorização da Universidade, o Casarão de Ciência e Cultura em Paraty, que a vai abrigar a primeira Escola de Restauração de Bens Patrimoniais do país. A nova unidade funcionará em imóvel cedido pela prefeitura que está sendo reformado pela UERJ. “Será um intercâmbio com professores da Itália que virão para darem cursos e estágios em várias áreas, não só de restauro, mas também nos campos da cultura, literatura, poesia e moda. O Casarão será um centro de cultura ítalo-brasileira em um lugar privilegiado que é Paraty”, segundo Avella. A unidade vai organizar atividades culturais por meio de um circuito que possibilitará a realização de exposições italianas no Brasil e levará mostras brasileiras para a Itália.

do que em março de 2012 a instituição irá trazer para a UERJ o acervo do antropólogo italiano Ermano Stradelli, em uma mostra que reúne imagens, fotografias e desenhos do cientista. Stradelli viveu durante anos na Amazônia, morreu em Manaus e foi autor de uma gramática da língua indígena da região, a nheengatu.

Outra instituição presente na Jornada, a Fundação RAS (Restoring Ancient Stabiae) vai exibir parte do seu acervo na Universidade, que conta com peças originais encontradas em escavações de sítio arqueológico próximo a Pompeia, em Castellammare di Stabia (antiga Stabiae), onde está sediada a Fundação. “A princesa Tereza Cristina era uma grande arqueóloga: no museu da Quinta da Boa Vista existe uma coleção sua e a exposição que virá da Itália vai apresentar peças de escavações feitas na mesma época”, informa Avella.

Ugo di Capua, professor da Fundação RAS, conta que Stabiae, Pompeia e Herculano foram cidades cobertas pelas cinzas do vulcão Vesúvio em 79 d.C, com boa parte do que restou recuperada com escavações já no século XVIII: “Stabiae era uma vila em que viviam pessoas ricas. A parte mais bonita da mostra são as pinturas de afrescos que essas pessoas mantinham em suas grandes residências. Vamos trazer também esculturas e objetos da vida cotidiana daquela época, para que o público possa entender como estava organizada a sociedade no período. Optamos por esse acervo porque o Brasil possui fragmentos dessas escavações trazidos pela imperatriz Tereza Cristina”,

Servidores recebem homenagem institucional em comemoração a 25 anos de UERJ

O reconhecimento institucional à dedicação de docentes e técnico-administrativos da Universidade que em 2011 completaram duas décadas e meia de serviços prestados à UERJ foi a tônica da cerimônia no dia 6 de dezembro em que foram homenageados 254 servidores. Realizado no Teatro Odylo Costa, filho, o evento organizado a cada ano por uma comissão especial presidida pelo Superintendente de Recursos Humanos, Sérgio Corrêa Marques, integrou as comemorações dos 61 anos da Instituição, completados em 4 de dezembro. Os homenageados receberam placa comemorativa, certificado e botões de lapela com a logomarca do evento deste ano.

Em discurso durante a solenidade, o Reitor Ricardo Vieiralves enfatizou que a Universidade “é forte, grande e potente porque tem o trabalho, a dedicação e a presença de cada um de vocês que hoje estão aqui”. Ele disse que estava feliz por reencontrar colegas, observar em cada um o espírito jovem e tam-

bém poder externar a todos o seu sentimento de gratidão: “Posso abraçar ou conversar com muitos e dizer a cada um o quanto esta Universidade é grata pelo trabalho e pela competência de vocês”. O Reitor disse ainda que, apesar de alguns momentos difíceis enfrentados pelos servidores, a UERJ se mostrou forte e firme, graças ao seu corpo permanente de técnicos e docentes. “Esta Instituição corajosa e persistente superou no decorrer dos anos muitas adversidades, até se firmar como a principal universidade do estado e uma das mais importantes do Brasil. Isso aconteceu pelo trabalho, coragem e firmeza de cada um no Hospital Universitário, em todos os *campi*, em todos os lugares desta casa. Este é, portanto, um dia de agradecimento, reconhecimento e alegria,” finalizou.

O professor Paulo Roberto Volpato, atual diretor do Centro Biomédico e vice-reitor eleito, discursou em nome dos diretores dos centros setoriais e registrou a sua felicidade em encontrar,

naquela ocasião, antigos servidores que, como ele, participaram da trajetória da UERJ: “Falo sem medo de errar do sentimento que é de todos os diretores dos centros setoriais, um sentimento de encantamento ao reencontrarmos pessoas como vocês, homenageados, que fazem parte da história desta Universidade”. Em seguida, o professor da Faculdade de Comunicação Social, Ricardo Freitas, discursou em nome dos servidores homenageados.

Como em anos anteriores, o evento teve ainda uma homenagem especial a docentes e técnico-administrativos representantes de diversos setores da UERJ: a farmacêutica-bioquímica do Hupe, Dalila Passos, e os professores Fernão Pougy, Ivair Lopes e Ondina Meleiro, que agradeceu em nome dos quatro. O grupo de Kinesis, do Instituto de Artes, apresentou números de dança em homenagem a Cartola, Villa Lobos, Noel Rosa e Mário Lago, cujos centenários foram celebrados nos últimos quatro anos.



EdUERJ

O JOGO CONTINUA: MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E CIDADES

Gilmar Mascarenhas, Glauco Bienenstein e Fernanda Sánchez (org.)

O livro tem como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre o conceito de “legado”, palavra bastante utilizada desde que o Rio de Janeiro foi escolhido como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. O livro traz informações técnicas e resultados de pesquisas que pontuam dimensões econômicas, sociais, políticas e urbanas a partir do engajamento da cidade na organização desses eventos. A obra é dividida em duas partes: na primeira, o foco é a dimensão urbana, com análises das

transformações espaciais que ocorreram nas cidades-sedes, em especial em Barcelona, além de dados sobre os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo, e os Jogos de 2007 no Rio de Janeiro. Na segunda parte são abordados conflitos e impactos de eventos como esses, em textos que tratam das instalações esportivas, das estratégias territoriais e da ação política no planejamento dos Jogos Pan-Americanos de 2007.



CIRANDA DA POESIA

Um ano depois do lançamento da série *Ciranda da Poesia*, outros quatro títulos estão sendo lançados nesta fase da série. Quatro poetas abordam três nomes da geração de 70: Ana Cristina Cesar, Angela Melim e Armando Freitas Filho, além do representante da poesia literária recente Marcos Siscar. De um lado estão as visões renovadas de poetas canônicos (Renan Nuerberger sobre Armando Freitas Filho; Marcos Siscar sobre Ana Cristina Chiara) e de outro estão as autoras, críticas e estudiosas que se fazem poetas (Ana Chiara sobre Angela Melim, Masé Lemos sobre Marcos Siscar). Também faz parte também desta segunda série o volume de Myriam Ávila, professora

da Universidade Federal de Minas Gerais, sobre Douglas Diegues (poeta da fronteira entre o Brasil e o Paraguai e do “portunhol selvagem”), que será lançado em abril de 2012, junto com os primeiros volumes sobre poetas estrangeiros contemporâneos. Cada volume de *Ciranda da Poesia* vem acompanhado de uma antologia do poeta abordado. A série é coordenada pelo professor e escritor Italo Moriconi, editor-executivo da EdUERJ, com a participação de um conselho formado por Diana Irene Klinger (UFF), Masé Lemos (UERJ), Marcos Siscar (Unicamp) e Viviana Bosi (USP).



ENTRE MULHERES: ETNOGRAFIA SOBRE RELAÇÕES HOMOERÓTICAS FEMININAS ENTRE SEGMENTOS MÉDIOS URBANOS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Nádia Elisa Meinerz

Identificado como resultado de pesquisas e de consistência teórico-metodológica comprometidas com a perspectiva dos direitos sexuais, o livro se situa no âmbito dos estudos etnográficos. A autora procura desvendar o universo das relações homoeróticas e homoafetivas entre mulheres, em um estudo minucioso sobre as diversas questões que envolvem o

cotidiano desses relacionamentos. O leitor encontrará no livro um estudo sobre as várias possibilidades de constituição dos relacionamentos homoeróticos entre mulheres que contribui para a compreensão da complexidade e da diversidade das práticas e representações sobre a sexualidade.



Programa que oferece cursos de idioma na Universidade completa dois anos

Alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, latim e português para estrangeiros são as opções

Criado oficialmente em 2009 o Programa Línguas para a Comunidade (Licom), desenvolvido pelo Instituto de Letras e vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura, desenvolve há dois anos as ações que fazem parte dos seus objetivos: organizar cursos e oficinas de línguas materna e estrangeira e ampliar o espaço de práticas docentes para futuros professores do Instituto de Letras. São oferecidos cursos de alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, latim, aperfeiçoamento na língua portuguesa e português para estrangeiros. As aulas ficam sob a responsabilidade de alunos de graduação e da pós-graduação do Instituto de Letras, coordenados por professores.

Atualmente, quatro projetos estão vinculados ao programa: Projeto Línguas para a Comunidade (Plic); Línguas Estrangeiras para a Terceira Idade (Leti); Oficina de Línguas Estrangeiras na Escola (Olee); e Projetos Especiais em Línguas Estrangeiras (Pele). Segundo a coordenadora do Programa, professora Maria Alice Gonçalves Antunes, o projeto teve início nos anos 90, com o curso Espanhol para a Comunidade; depois foram incluídos outros idiomas em aulas de nível básico. Hoje cada projeto atende um público específico e o de Línguas para a Comunidade é o maior deles, responsável pelo trabalho com as comunidades interna e externa.

A seleção dos alunos é por sorteio e para se inscrever é necessário ter ensino médio

completo ou estar cursando o terceiro ano. Os cursos duram dois anos e a coordenação de cada idioma está a cargo de um docente. “O perfil da maioria de nossos alunos é de trabalhadores”, diz a coordenadora do Licom. A média é de três turmas iniciantes por semestre, com cerca de 20 vagas cada.

Os cursos de Inglês e de Português para Estrangeiros são os mais recentes, sendo que o número de alunos de Português para Estrangeiros, no qual só podem se inscrever estrangeiros residentes no país, tem aumentado nesses anos. “A posição do Brasil, e do Rio de Janeiro em especial, com tantos eventos em perspectiva, coloca a UERJ como instituição do estado em uma posição estratégica para atender esse novo público”, avalia a coordenadora.

Paulo Roberto de Lima Lopes, ex-aluno de Letras e atual bolsista do Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (Proatec), conta que cursava o 4º período de inglês/literaturas e nunca havia lecionado quando começou a participar do Projeto. Sua primeira turma foi de alunos da UnATI (a maioria donas de casa e aposentados de diversas áreas), que procuram o Projeto por motivos variados: “alguns já frequentaram cursos e outros começam do zero. O mais interessante é que eles se ajudam durante as aulas. Para mim foi ótimo, porque não tinha experiência e eles são bastante receptivos e carinhosos conosco”, relata.

O Projeto Línguas Estrangeiras para a Terceira Idade oferece cursos de inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. Cerca de 3.500 candidatos se inscreveram para sorteio e nivelamento para o primeiro semestre de 2012. Com a grande procura, o número de vagas na turma de inglês vai aumentar para 30, anuncia a coordenadora do Licom.

A Oficina de Línguas Estrangeiras na Escola oferece a estudantes do CAP-UERJ a oportunidade de estudar italiano e alemão idiomas que hoje não estão na grade curricular. O intuito do curso é oferecer aos alunos do primeiro e do segundo segmento do ensino fundamental a possibilidade de entrar em contato tanto com a língua como com a cultura dos dois países.

Professores alunos e alunos professores

Outro destaque do Licom são os Projetos Especiais em Línguas Estrangeiras, destinados a docentes dos programas de pós-graduação da UERJ, como iniciativa da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2). “Esse curso prepara os nossos professores para sobreviver no mundo acadêmico com a sua produção circulando no exterior ao escrever e apresentar trabalhos”, diz Maria Alice. Com turmas de inglês, francês e espanhol e aulas ministradas por alunos do mestrado em Letras, o Projeto oferece 25 vagas para cada idioma, ainda que a maior procura seja pelo curso de inglês.

A coordenação do Programa já foi contatada por organizações externas, como o Instituto de Traumatologia e Ortopedia e a Polícia Civil. “Setores da sociedade nos procuram em



busca de cursos específicos, por isso criamos os Projetos Especiais em Línguas Estrangeiras, como forma de atender demandas específicas. Em 2011 fomos procurados pelo Departamento de Cooperação Internacional da Universidade, que precisava de um curso de produção textual porque os alunos estrangeiros dos programas de intercâmbio chegam à Universidade com deficiências de redação em português”, explica a professora. Também deverá ser criado um curso direcionado aos alunos da UERJ que

com a França”. Pacelli diz que agora está mais confiante para receber pesquisadores franceses em visita à Universidade. Mesmo tendo um conhecimento prévio da língua, ele diz que as aulas diminuíram a sua inibição ao falar o idioma. Da sua turma fazem parte cerca de dez professores de outras faculdades e institutos da UERJ, em “uma convivência legal para trocarmos ideias e experiências.” Ele lamenta o curso de dois anos estar chegando ao fim e espera que as aulas continuem em 2012.

O Programa Línguas para a Comunidade atende cerca de 1.500 alunos. A equipe é formada por 30 professores coordenadores e quase 50 estagiários.

Está no centro de um projeto maior, que é a internacionalização da Universidade.

sejam selecionados para participar do programa Ciência sem Fronteiras, que oferece bolsas no exterior, já que “um dos resultados desse projeto é a maior integração entre professores de pós-graduação”.

Docente do Instituto de Psicologia, Ademir Pacelli é um desses professores alunos. Por ter proficiência em inglês, optou pelo curso de francês porque “nos últimos anos tenho lido mais em francês. Quero melhorar meu vocabulário e a escrita. Nossa pós-graduação em Psicanálise tem uma relação maior com o francês e nossos intercâmbios têm sido em maior número

Assim como Pacelli, a professora Rosana Glat, da Faculdade de Educação, também está bastante satisfeita com as suas aulas de francês e endossa o pedido para que o curso continue. “Agora conseguimos realmente falar, ver filmes... Se pararmos, vamos perder a fluência que adquirimos.” A diretora eleita da Faculdade de Educação diz que os alunos trocam e-mails em francês durante a semana como forma de exercitar o idioma. “No final do primeiro ano de curso cada um teve que fazer uma apresentação sobre o seu tema de pesquisa. Foi muito interessante porque senti que realmente estava em uma

“Na aula de idioma sou aluna e aquela que é aluna de mestrado é nossa professora. Isso é muito bom para vermos o quanto temos sempre para aprender”

Rosana Glat, professora da Faculdade de Educação

universidade. Ali discutimos também outros assuntos relacionados ao mundo acadêmico.” Rosana gostou da experiência de voltar a ser aluna: “Posso ser diretora da faculdade, mas na aula sou aluna e aquela que é aluna de mestrado é nossa professora. Isso é bom para vermos o quanto sempre temos a aprender em outra área”.

Maria Cristina Batalha, professora do Departamento de Línguas Neolatinas do Instituto de Letras e aluna do curso de inglês, também ratifica o pedido dos colegas da turma de francês para que o curso tenha continuidade em 2012. “Como as aulas são sempre diferentes, não nos importariamos de retomar alguns assuntos como forma de incluir novos participantes. Fica a sugestão para a criação de turmas com alunos antigos e novos. Essa opinião é generalizada porque, mesmo repetindo coisas, a gente sempre aprende e fica em contato permanente com a língua”, justifica.

Para que outros professores possam se integrar à turma, Maria Cristina sugere que a próxima classe seja formada por alunos antigos com frequência regular e por aqueles que desejam se unir ao grupo. Professora de francês, ela diz que decidiu estudar inglês por ser a língua oficial em congressos. Além disso, “o contato com professores de outras unidades é muito bom e as aulas são excelentes. Nossa professora apresenta textos interessantes, pratica conversação e instrui sobre como redigir *papers* para congressos e comunicações interuniversitárias”, diz ela, ao destacar a qualidade dos professores escolhidos para lecionar e o investimento da UERJ no seu corpo docente visando um melhor desempenho no exterior.

O Programa Línguas para a Comunidade atende aproximadamente 1,500 alunos. A equipe é formada por 30 professores coordenadores e quase 50 estagiários. “O Programa está no centro de um projeto maior, que é o de internacionalização da Universidade. Por isso está nos planos do Instituto fortalecer o Programa academicamente, ao estreitar laços com a pós-graduação, além de organizar a segunda edição de um seminário sobre o Licom em 2012, quando os estagiários poderão apresentar suas impressões sobre a experiência em sala de aula”, completa Maria Alice.

Sistema gera informações sobre a área de graduação

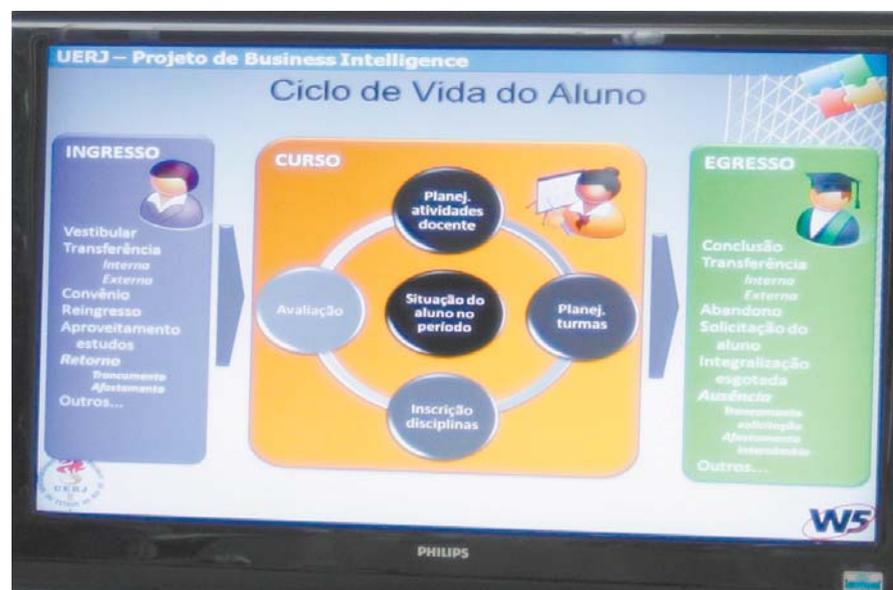
Ter informações precisas sobre o total de estudantes da Universidade; quantitativos de alunos de graduação por centros setoriais e conhecer as regiões da cidade onde moram os alunos que ingressam na UERJ são alguns dos recursos do novo banco de dados sobre a graduação. Com base em uma ferramenta de BI (*Business Intelligence*) de desempenho estratégico, que permite o agrupamento das informações existentes em vários sistemas, uma equipe da Diretoria de Informática (Dinfo) adaptou o sistema, que pode ser acessado remotamente pelo navegador Internet Explorer e também permite a obtenção de dados sobre o vestibular e alunos matriculados, ingressantes e egressos.

Segundo o diretor da Dinfo e professor do Instituto de Física, Gerson Pech, a proposta é avaliar a graduação e dar subsídios para que os gestores da Universidade tomem decisões nos âmbitos do ensino e da pesquisa. O analista de sistemas Carlos Eduardo Rodrigues explica que o sistema foi pensado para identificar pontos fortes e fracos da graduação, uma vez que a Dinfo se responsabiliza por vários sistemas da UERJ, como o sistema acadêmico de graduação, do vestibular, de recursos humanos e o sistema Copad (de distribuição e gerenciamento da carga horária docente). São todos sistemas pontuais, transacionais, nos quais diariamente há inclusão ou alteração de informações. Com os sistemas isolados era possível produzir relatórios, mas não cruzar as informações”, esclarece.

Com a nova ferramenta é possível realizar análises com os dados pertinentes à graduação. Foi criado um banco de dados com base em quantidade de alunos, período, ano, curso, turma, departamento. Isso permite gerar relatórios individuais de alunos – desde o momento em que entraram na Universidade e a nota com que estão se formando, em um levantamento da vida universitária dos estudantes. Apesar de ser alimentado com informações dos outros sistemas da UERJ, o novo banco de dados tem estrutura própria, em ambiente onde não há concorrência de informações. Assim, as con-



A equipe da Dinfo durante a apresentação do Projeto de Business Intelligence



sultas realizadas não interferem no funcionamento dos outros sistemas: “Se estivesse no mesmo ambiente dos outros sistemas existentes e uma demanda cruzasse muitos dados, a complexidade da consulta poderia deixar os outros sistemas lentos”, exemplifica Carlos Eduardo.

O sistema opera com o conjunto dos ingressantes, dos egressos, da graduação e do vestibular. Os indicadores gerados permitem a visão macro e micro das informações sobre a Universidade. Por isso a ferramenta é interessante para diretores dos Centros Setoriais e de unidades acadêmicas, que podem assim conhecer a realidade e os números de suas respectivas áreas e cursos. “O banco de dados poderá avaliar as características dos alunos, auxiliando na tomada de decisões sobre os cursos, seus professores e as grades curriculares”, afirma o diretor da Dinfo.

A coleta dos dados que compõem a base do sistema teve início com uma demanda de pesquisa sobre as cotas na UERJ pela Reitoria, que reuniu dados sobre os cotistas na Instituição: como entraram no vestibular, o rendimento nos cursos e as principais deficiências. A partir desse levantamento foi detectada a necessidade de obter tais informações não só dos alunos cotistas, mas sobre todos os estudantes da UERJ.

A Diretoria de Informática vai agora divulgar o sistema na Universidade para que todos tenham conhecimento das capacidades do novo programa. O sistema de avaliação permite realizar análises simultâneas da situação atual e também em médio e longo prazos. Para acessar o sistema, o usuário deve entrar em contato com o *help-desk* da Diretoria de Informática por meio do e-mail <helpdesk@uerj.br> ou pelo telefone 2334-0340 e solicitar o envio do material com todas as informações.

> PELOS CAMPIS

Um passeio pela história da Universidade

A Exposição Itinerante 60 anos da UERJ, encerrada em dezembro, percorreu quatro *campi* da Universidade e mostrou, por meio de fotografias em dez painéis, parte da memória da Universidade. O projeto teve início em dezembro de 2010, quando a Universidade comemorou 60 anos, e é desdobramento da publicação comemorativa *UERJ 60 anos*, editada pela Diretoria de Comunicação Social, do qual foram selecionadas as fotos que compõem a mostra. Os painéis ficaram expostos no *campus* Maracanã durante todo o mês de dezembro de 2010, em frente à Capela Ecumênica. Durante as comemorações da Universidade surgiu a ideia de a exposição percorrer outros espaços. As unidades externas ao *campus* Maracanã foram consultadas sobre o inte-



Faculdade de Educação da Baixada Fluminense recebe exposição itinerante

resse e as condições logísticas, como espaço físico adequado, para receberem a mostra.

A exposição itinerante começou no segundo semestre deste

ano, permanecendo cerca de um mês em cada *campus* ou local. A Faculdade de Tecnologia, em Resende foi a primeira a receber as memórias da Universidade

seguida pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, em Duque de Caxias. A mostra passou, também, pela Faculdade de Formação de Professores,

em São Gonçalo e pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto, onde os painéis ficaram expostos até meados de dezembro. Em cada uma dessas localidades foram distribuídos exemplares da publicação comemorativa.

Participaram desse processo outros dois setores da Universidade. A Coordenadoria de Exposições de Arte, vinculada ao Departamento Cultural/SR3, planejou o *layout* dos espaços e elaborou o projeto dos suportes para os painéis fotográficos, flexíveis e adaptáveis nos diferentes locais. A Prefeitura dos *Campi* apoiou por meio do setor de serralheria na confecção do suporte em formato de biombo, além de ter providenciado o transporte do material. A execução da logística ficou a cargo da Comuns.

Curso na Policlínica debate avaliação de tecnologias em saúde

Os gastos com medicamentos do Sistema Único de Saúde; a política de gestão tecnológica implementada pelo governo a partir de 2003; e como a avaliação da tecnologia em saúde contribui para a eficiência no uso dos recursos do SUS foram os temas debatidos no curso Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS), realizado em novembro no Centro de Estudos da Policlínica Piquet Carneiro.

O curso, que capacitou gestores para tomada de decisão sobre o uso das tecnologias de alto custo, foi organizado pelo Instituto para Avaliação de Tecnologia em Saúde (IATS), do qual a UERJ é a única representante do Rio de Janeiro. Criado há dois anos e regulado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, pelo Ministério da Saúde e pelo CNPq, o IATS reúne mais de 80 pesquisadores para promover, difundir e desenvolver orienta-



Professor Denizar Vianna realiza curso para gestores da área de saúde

ções e avaliações de tecnologias em saúde no Brasil.

Denizar Vianna, docente da Faculdade de Ciências Médicas, diretor científico da PPC e pesquisador do IATS, foi responsável pelo curso, junto com a professora e pesquisadora do

IATS Luciana Bahia. Para ele, assim como as mudanças nos hábitos de vida, as tecnologias de saúde (equipamentos, medicamentos, exames e sistemas organizacionais) têm um papel importante no ganho de longevidade da população, espe-

cialmente no último século. Denizar alerta, porém, que é necessário saber usá-las para evitar danos à saúde da população e o aumento de custos, um dos principais problemas dos setores público e privado: “Como fazer o melhor uso da tecnologia que tanto nos seduz em termos de qualidade de vida e longevidade? Temos que ser criteriosos no uso dela”, pondera. E acrescenta que as demandas na área de saúde atendidas por liminares não é fenômeno restrito ao Brasil: está presente em toda a América Latina, tendo sido objeto de estudos nos últimos anos.

Segundo o professor, existe um subfinanciamento crônico do Sistema Único de Saúde no Brasil porque apenas 3,5% do PIB é direcionado para a saúde pública, quando a recomendação da Organização Mundial da Saúde é de que o investimento

seja de 6%. Hoje, 150 milhões de brasileiros dependem fundamentalmente do SUS, sem levar em conta a parcela daqueles que, apesar de terem plano de saúde, usam medicamentos distribuídos pelo SUS.

Além de dirigentes dos hospitais e postos da Secretaria Municipal de Saúde, participaram do curso coordenadores de associações de pacientes com doenças como HIV, Hepatite e Diabetes de diversos estados, entre os quais São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia e também do Distrito Federal. Em 2012 a UERJ – juntamente com as universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de São Paulo (USP), Federal de Goiás (UFG) e com a Universidade de Brasília (UnB) – vai oferecer um curso *on-line* de avaliação de tecnologias em saúde, com duração de um ano, a partir do mês de março.

Estudantes participam do Programa Ciência sem Fronteiras

Até o final de 2014 o governo federal vai financiar, por meio da Capes e do CNPq, 75 mil bolsas para intercâmbio de alunos de graduação no exterior por meio do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) em diversas modalidades: graduação sanduíche (pela primeira vez); doutorado sanduíche; doutorado pleno; pós-doutorado e estágio sênior. Bolsas para professores sêniores do exterior, por um período de três anos, também receberão financiamento do governo federal. Além dessas, outras 25 mil bolsas serão custeadas pela iniciativa privada.

O Programa foi lançado em julho e pretende, entre outros pontos, avançar nos campos de ciência, tecnologia, inovação e competitividade industrial por meio da expansão da mobilidade internacional; aumentar a presença de estudantes e pesquisadores brasileiros em instituições de excelência no exterior; promover a internacionalização das universidades brasileiras; aumentar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias brasileiras; e atrair jovens talentos e pesquisadores qualificados para trabalhar no Brasil.

Os candidatos às bolsas podem escolher onde estudar com base em uma lista com mais de 330 instituições no exterior. As áreas prioritárias para a concessão de bolsas são Engenharia e demais carreiras tecnológicas, Ciências Exatas e da Terra, Biologia e indústria criativa. No caso do CNPq, a seleção dos alunos fica a critério da instituição de origem, enquanto na Capes a triagem cabe à agência de fomento, sendo possível neste caso o envio de alunos para instituições com as quais já exista intercâmbio, ficando o contato a cargo do orientador. Para participar do processo de seleção é preciso que os estudantes comprovem fluência no idioma, de acor-

do com o grau exigido pela instituição de ensino. Cristina Russi, diretora do Departamento de Cooperação Internacional (DCI), enfatiza que o objetivo da UERJ é “proporcionar a internacionalização da Universidade. A maioria dos estudantes vai para o exterior por conta própria. Esta é uma ótima oportunidade para o aluno que deseja estudar fora mas não possui condições financeiras”.

A orientação para os alunos que tenham interesse em participar do Programa é de que se preparem com antecedência para o teste de proficiência em inglês, o TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*). A professora adianta que há planos para pedir a inclusão no Ciência sem Fronteiras de instituições que já mantêm parcerias com a UERJ – como a James Cook University, na Austrália, e a Universidad de Jaén, na Espanha. Atualmente a Universidade mantém convênios ativos com cerca de 180 instituições de ensino estrangeiras, em países como Alemanha, Austrália, Bélgica, Cabo Verde, Canadá, Colômbia, Coreia, Costa Rica, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Itália, Japão, México, Noruega, Portugal e Suécia, considerando os convênios guarda-chuva (para toda a Universidade) e os específicos, que duram de seis meses a um ano.

Bolsas

O CNPq participa do Programa focado em dois propósitos: levar para o exterior maior número de estudantes de instituições brasileiras e estimular a vinda para o Brasil de cientistas que estão fora do país (tanto aqueles em início de carreira quanto os altamente qualificados em suas áreas de atuação). Até 2014, o CNPq vai oferecer 35 mil bolsas de diferentes modalidades a estudantes brasileiros, distribuídas da

seguinte maneira: 3.890 em 2011; 6.140 em 2012; 10.230 em 2013 e 14.740 em 2014.

Este ano foram destinadas à UERJ 50 bolsas de graduação sanduíche, com duração de seis meses. A prorrogação por igual período é concedida se, nos três meses finais da bolsa, estágios em laboratórios de pesquisa, empresas ou centros de pesquisa e desenvolvimento estejam incluídos nas atividades acadêmicas do aluno. A cada trimestre o aluno de intercâmbio receberá valores do CNPq, que varia conforme o país de destino. Participaram da seleção em 2011 bolsistas de Iniciação Científica (Pibic) ou de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti); aqueles que cumpriram de 40% a 80% dos créditos; que mantêm coeficiente de rendimento (CR) mínimo equivalente ao CR do curso; e que tenha fluência na língua do país da instituição para a qual se inscreveu. Ao se candidatar, o aluno pôde escolher até três instituições.

Trinta e seis, entre os 42 alunos inscritos na UERJ, foram selecionados pelo DCI. A aprovação final cabe ao CNPq. Para alguns estudantes esta é a chance de participar de intercâmbio ainda na graduação, caso do aluno do Instituto de Física Phillip Gaspar, que pretende aprimorar o seu conhecimento no Fermi National Accelerator Laboratory, nos Estados Unidos: “Sempre pensei em estudar em outro país e achava que só conseguiria quando fizesse doutorado. Minha orientadora avisou sobre o Programa para a graduação e não pensei duas vezes em me inscrever”. A graduanda de Engenharia Civil, Stephane do Nascimento, está preocupada em representar bem a UERJ em uma das seguintes instituições: Massachusetts Institute of Technology ou University of British Columbia nos Estados Unidos,

ou University of Waterloo, no Canadá. A estudante do 6º período do Ibrag, Tatiana Tavares, que escolheu a University of Queensland, na Austrália; a University of Sussex, na Inglaterra; e a University of British Columbia, nos EUA, espera fazer novas amizades e aprimorar um segundo idioma: “Optei em participar do Ciência sem Fronteiras porque quero ganhar experiência profissional, conhecer outras universidades, aperfeiçoar uma língua estrangeira e fazer contatos lá fora. Tudo isso só tende a melhorar o lado profissional”.

O estudante de desenho industrial da Esdi, Everton Ávila de Lima, diz que já planejava estudar no exterior: “Na Esdi existe um programa de intercâmbio entre o 4º e 5º ano da faculdade. Como o Ciência sem Fronteiras oferece bolsa para a universidade que eu queria estudar (Instituto Avançado de Ciência e Tecnologia da Coreia do Sul –Kaist), decidi concorrer”, explica o futuro designer, que também selecionou a Seoul National University na Coreia do Sul e a Helsinki University of Technology, na Finlândia.

No caso da Capes, serão oferecidas bolsas na modalidade graduação sanduíche, pelo período de 12 meses, dos quais de nove a dez meses dedicados ao estudo em tempo integral, acrescidos de três meses para estágio de pesquisa ou inovação tecnológica. A agência irá arcar com custos referentes a taxas escolares, seguro saúde, alojamento e refeições, além de passagens aéreas no trecho Brasil-EUA-Brasil. Os bolsistas vão receber US\$ 300,00 por mês para despesas pessoais. Caso a universidade nos Estados Unidos não ofereça alojamento e refeições incluídas no custo por aluno, a Capes se responsabiliza pelo pagamento das taxas escolares, com a concessão da bolsa integral, no valor de US\$ 1,300 mensais.

ALUNOS SELECIONADOS PELA UERJ PARA O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Biologia

Diego José Gomes de Paula; Tatiana Motta Tavares; Romulo Vianna de Melo Oliveira; Natalia Mesquita de Brito; Priscila de Oliveira Cunha; Gustavo Castro de Lima; Fabiana Casar de Barros Couto; Luiz Alberto Santos Abreu

Desenho Industrial

Diana de Oliveira Dias; Erica Zambrano Fontes; Everton Ávila de Lima

Enfermagem

Nathalia Pey Tournillon Sper; Tamara Rubia Lino de Lima

Engenharia Civil

Stephane do Nascimento Santos; Italo Caldas Orlando; Ana Carolina Figueiredo

Engenharia Elétrica

Monira Andrade Gonçalves; Glaucileine Patrícia dos Santos Vieira

Engenharia Mecânica

Gabriel Maltese Meletti; Davi Fernandes Diniz

Engenharia Química

Renan dos Santos Miranda Ruas; Rodrigo Pérrissé Lobo; Natalia Siqueira Santiago; Jessica Rodrigues; Jose Paulo Margarido Miguens; Renan de Mendonça Gomes; Pedro Ferraz Ayres; Alexânder de Paula Rodrigues

Física

Philipp do Nascimento Gaspar

Geografia

Carlina Sandes Alves Gomes

Geologia

Henrique Bruno; Thais Lima Monteiro; Gabriela Figueiredo Marinho; Larissa Fernandes Pereira; Manuela de Oliveira Carvalho; Bernardo Torós

Unidades fixas e móvel monitoram a qualidade do ar na cidade

Programa da Prefeitura do Rio e da Petrobras contribui para pesquisas na UERJ

A demanda por informações sobre a poluição atmosférica no Rio de Janeiro aumentou no último ano com a perspectiva dos megaeventos esportivos que vão acontecer na cidade em 2014 e 2016. Desde os Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim, onde o índice de poluição do ar atinge níveis elevados, a qualidade do ar passou a ser monitorada por afetar o desempenho dos atletas. Para tentar amenizar esse problema, o Programa MonitorAr-Rio, parceria entre a Prefeitura da Cidade e a Petrobras, mantém atualmente quatro estações fixas de monitoramento do ar localizadas na Tijuca, em São Cristóvão, em Copacabana e no Centro, e uma unidade móvel no *campus* Maracanã.

O MonitorAr-Rio irá acompanhar de modo sistemático a qualidade do ar urbano; divulgar os dados obtidos pelas estações; conscientizar a população sobre o problema da poluição atmosférica e incentivar políticas públicas para o setor. Outras quatro unidades estão previstas para serem instaladas em diferentes bairros da cidade. A unidade móvel no *campus* da UERJ está voltada para estudos especiais e começou a funcionar no dia 28 de novembro. Segundo o professor da Faculdade de Engenharia Eduardo Martins, a estação na Universidade faz pesquisas sobre a área compreendida entre as estações da Tijuca e de São Cristóvão aproveitando a localização do *campus*. Assim é possível medir se a qualidade do ar do Maracanã é semelhante ou não à dos bairros vizinhos.

O trabalho de obtenção de dados das estações colabora para pesquisas de professores e alunos de graduação e pós-graduação que estudam o tema. “É importante destacar o significado da educação ambiental, pois a unidade no *campus* é mais uma referência para os alunos, que geralmente conhecem como funcionam as estações de tratamento de água e de esgoto e os aterros sanitários”, avalia o professor Eduardo. Para controlar a qualidade do ar é realizado um estudo de modelagem – sistema baseado em modelo matemático que utiliza informações meteorológicas, sobre fontes de poluentes e as condições de dispersão do ar. Esse modelo faz previsões e simu-



A unidade móvel Maracanã está localizada no estacionamento do *campus* próximo à Avenida Radial Oeste

lações calculando cenários hipotéticos para auxiliar nas medidas de prevenção da poluição atmosférica.

A unidade ficará no *campus* até março de 2012, no retorno das aulas. Nesse período vai comparar a qualidade do ar com a medição no entorno do *campus* nos períodos de férias e de aulas. Em março, uma campanha de educação ambiental específica para os alunos será realizada ao longo de um dia, apresentando para a comunidade o projeto e informações coletadas pela unidade móvel.

Qualidade atmosférica

A avaliação da qualidade do ar na cidade parte de uma pré-definição do

limite máximo da concentração de poluentes na atmosfera como forma de garantir a saúde e o bem-estar dos seus moradores. No Brasil, os poluentes analisados em função da sua ocorrência e dos seus efeitos à saúde e ao meio ambiente são: o monóxido de carbono (CO); o dióxido de enxofre (SO₂); o dióxido de nitrogênio (NO₂); o material particulado (PM₁₀ e PM_{2,5}); e o ozônio. As estações fixas do MonitorAr-Rio registram as partículas inaláveis – dióxido de enxofre, monóxido de carbono e ozônio –, além da umidade relativa do ar, temperatura, velocidade e direção do vento, pressão atmosférica, radiação solar e precipitação pluviométrica. A uni-

dade móvel monitora, ainda, material particulado inferior a 2,5µ, hidrocarbonetos e óxidos de nitrogênio. O professor Eduardo Martins reitera que, de modo geral, a principal fonte de poluição do ar nas grandes cidades são os veículos. Os programas de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (PROCONVE) e por Motociclos e Veículos Similares (PROMOT), instituídos pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente, indicam as melhorias técnicas necessárias nos veículos para que emitam menos poluentes. Como nos grandes centros urbanos a frota automotiva está em expansão, os congestionamentos tendem a ser mais frequentes. Isso diminui a qualidade do ar, porque em velocidade reduzida os veículos emitem mais poluentes.

Marcos Borges Ferreira, engenheiro civil da Coordenadoria de Planejamento e Monitoramento Ambiental da Prefeitura do Rio, argumenta que a questão da qualidade do ar é ainda pouco considerada na cidade: “Por conta da paisagem natural do Rio e sua proximidade com o mar, as pessoas não costumam perceber a importância do controle da qualidade do ar, diferente do que ocorre em outras cidades com paisagens marcadamente urbanas”. No geral, o nível de qualidade do ar no Rio fica entre bom e regular, aumentando em dias chuvosos. O engenheiro identifica o material particulado e o ozônio como os poluentes com níveis mais preocupantes, porque geralmente constituem o maior problema dos grandes centros urbanos, já que não é emitido por uma fonte específica, mas formado na atmosfera a partir de reações químicas e fotoquímicas. A frota veicular tem influência direta na formação do ozônio, gás tóxico que afeta principalmente a condição respiratória. No Rio, a região da Tijuca é um dos locais em que a violação do ozônio é mais frequente.

Depois do período que permanecer no *campus* da UERJ, a estação móvel do MonitorAr-Rio será deslocada para a região do Porto, com o mesmo objetivo de analisar a abrangência das estações fixas e avaliar a qualidade do ar na região, local de várias obras futuras.